

## OS DESTINOS TURÍSTICOS: ENTRE A ECOEFICIÊNCIA E A COMPETITIVIDADE

Roberto Paolo Vico<sup>1</sup>  
Universidade Eduardo Mondlane  
Moçambique

Ricardo Ricci Uvinha<sup>2</sup>  
Universidade de São Paulo  
Brasil

**RESUMO:** Encontrar um ponto de equilíbrio entre o desenvolvimento autônomo dos destinos turísticos e a tutela do meio ambiente, por um lado, e o desenvolvimento de uma atividade econômica competitiva, por outro, pode ser um empreendimento difícil. Reconhece-se no entanto que a atividade econômica pode criar sinergias interagindo com o ambiente e a sociedade em maneira assídua. O desenvolvimento dos destinos turísticos é de fato diretamente ligado ao seu contexto ambiental. Esta prerrogativa faz do turismo a força motriz pela tutela e pelo desenvolvimento dos destinos, diretamente por meio da sensibilização e da sustentabilidade econômica nos mesmos. As tendências e as prioridades globais mudam. Hoje mais do que nunca o turismo tem que ser concorrencial, tendo em conta o meio ambiente e reconhecendo que, a longo prazo, a competitividade depende da sustentabilidade e do meio ambiente. As alterações climáticas são atualmente consideradas uma temática fundamental e a indústria turística é chamada a contribuir para a redução das emissões responsáveis pelo efeito estufa, enquanto os destinos são convidados a adequar-se às mudanças do modelo de procura e a modificar, como consequência, os tipos de oferta turística.

**Palavras-chave:** Turismo. Lazer. Mudanças Climáticas. Meio Ambiente. Competitividade. Destinos Turísticos. Cenários Globais.

## LOS DESTINOS TURISTICOS: ENTRE LA ECOEFICIENCIA Y LA COMPETITIVIDAD

**RESUMEN:** Encontrar un punto de equilibrio entre el desarrollo autónomo de los destinos turísticos y la tutela del medio ambiente, por un lado y el desarrollo de una actividad económica competitiva, por otro lado, puede ser una tarea difícil. Se reconoce entonces que la actividad económica puede crear sinergias relacionándose con el ambiente y con la sociedad en manera continua. El desarrollo de los destinos turísticos está de hecho directamente relacionado con su contexto ambiental. Esta prerrogativa hace del turismo la fuerza motriz para la tutela e para el desarrollo de los destinos, directamente por la sensibilización y por la sustentabilidad económica de los mismos. Las tendencias y las prioridades globales cambian. Hoy, más que nunca, el

---

<sup>1</sup> Docente da Universidade Eduardo Mondlane e especificamente da Escola Superior de Hotelaria e Turismo de Inhambane – ESHTI/Moçambique e pesquisador visitante de origem italiana no Grupo Interdisciplinar de Estudos do Lazer da Universidade de São Paulo - GIEL/USP/CNPq.

<sup>2</sup> Professor Livre-docente da graduação e pós-graduação em Educação Física e Turismo da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo - EACH/USP e líder do Grupo Interdisciplinar de Estudos do Lazer da Universidade de São Paulo - GIEL/USP/CNPq.

turismo tiene que ser competitivo, teniendo en cuenta el medio ambiente y reconociendo que la competitividad depende de la sostenibilidad y del medio ambiente. Las alteraciones climáticas son actualmente consideradas una temática fundamental y la industria turística está llamada a contribuir para la reducción de las emisiones responsables del efecto estufa, mientras los destinos están invitados para que se adecuen a los cambios del modelo de demanda y a modificar, como consecuencia, los tipos de oferta turística.

**Palabras-clave:** Turismo. Ocio. Cambios climáticos. Medio ambiente. Competitividad. Destinos turísticos. Escenarios globales.

## TOURISTIC DESTINATIONS: BETWEEN ECOEFFICIENCY AND COMPETITIVITY

**ABSTRACT:** Finding a balance between the self-development of touristic destinations and the respect for the environment on one side, and the development of a competitive economic activity on the other, can be particularly challenging. It's a fact since a while that economic activity can create synergies interacting closely with both environment and society. The development of tourist destinations and the environment are, in fact, directly related. This prerogative does the tourism as the driving force for the guardianship and for the development of destinations, directly by their awareness and by economic sustainability. Tourism should be competitive but responsible, today more than ever, recognizing that, in a long term, competitively depends on sustainability and environment protection. Today climate changes are considered an important topic and touristic industry must contribute on the decrease of the emissions responsible for the global warming, while destinations are invited to suit climatic changes of demand model and to modify, as a consequence, the different kinds of touristic supply.

**Keywords:** Tourism. Leisure. Climatic changes. Environment. Competitive touristic destinations. Global scenarios.

### Introdução

O futuro do turismo baseia-se na qualidade da experiência dos turistas. Ao reconhecer que as localidades estão atentas ao meio ambiente, o turista tende a verificar uma maior atenção por parte dos gestores do destino visitado para com sua experiência. Integrando a atenção para o meio ambiente nas suas atividades, os operadores do setor devem proteger as vantagens competitivas dos destinos. Além disso, enfrentando o problema das alterações climáticas e da tutela do meio ambiente de maneira socialmente responsável, se ajudará a indústria turística a inovar os seus produtos e serviços e a melhorar a qualidade e o valor dos destinos turísticos.

Para alcançar um equilíbrio entre o bem-estar dos turistas e as exigências do contexto natural, o desenvolvimento e a competitividade dos destinos e das empresas serve uma estratégia política integrada e holística, onde todas as partes em causa deveriam partilhar o mesmo objetivo: criar prosperidade econômica tutelando o clima e o meio ambiente.

Perseguindo este objetivo devem ser enfrentadas várias temáticas típicas do setor turístico. Estas compreendem nomeadamente a conservação e a gestão

sustentável dos recursos naturais, a redução ao mínimo do emprego de tais recursos e da poluição dos destinos turísticos, a gestão das mudanças em prol do bem-estar da comunidade e o enfrentamento do impacto ambiental dos transportes ligados ao turismo.

No presente ensaio, ao considerar a difícil situação climática durante as últimas décadas devida à poluição ambiental e ao conseqüente aquecimento global, reflete-se sobre de que forma o clima constitui uma força motivacional para o turismo e também as relações que podem se estabelecer entre o turismo e as mudanças climáticas. Além disso, apresentam-se algumas das medidas de mitigação necessárias para atenuar os impactos negativos das mudanças climáticas, destacando como os destinos turísticos (sobretudo a nível europeu) podem tirar proveito de potenciais oportunidades mesmo num cenário com tantas intempéries.

### Aquecimento global e alterações climáticas

Ao analisar a densa literatura temática, é possível verificar um certo consenso entre os cientistas de que a temperatura do planeta está aumentando perigosamente, pondo em risco o ambiente e a vida de milhares de espécies. O quadro a seguir reproduz a anomalia da temperatura global que sobe expressivamente em todo o planeta:

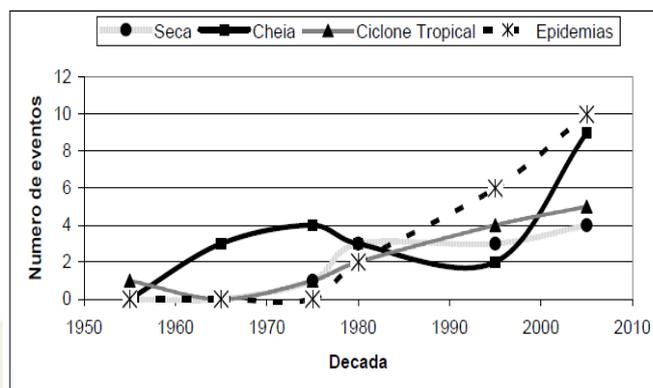
Quadro 1: Temperatura Global no Planeta Terra



Fonte: Adaptado de PESQUISA... (2007)

Parece consenso também que grande parcela de responsabilidade pelo efeito de temperatura parte do próprio ser humano. Nedel (2010) resgata estudos de trinta anos atrás destacando que as previsões naquela conjuntura estavam muito perto da realidade que vivemos hoje. De fato, em várias áreas estão em aumento as precipitações e os ciclones, enquanto é sempre mais violento o calor e as secas. A título de exemplo, o quadro a seguir demonstra tal efeito em Moçambique:

### Quadro 2: Aumento dos desastres naturais em Moçambique



Fonte: Adaptado de INGC - Instituto Nacional de Gestão de Calamidades de Moçambique (2009)

No cenário global, as pesquisas temáticas sugerem que se reduzem os glaciares e cresce implacavelmente o nível do mar (que entre o 1870 e o 2004 subiu 17 cm), sendo que seu pH encontra-se com forte acidez (+30%) e assim hostil para a vida. Segundo o Centro Climático Nacional dos Estados Unidos - NOAA-NCDC (2014), o período 2000-2011 foi o mais quente na série de temperaturas globais desde 1880. Como causa, destaca-se que no ano passado o homem emitiu 49 bilhões de toneladas de CO<sub>2</sub> e outros gases estufa que se juntaram aos acumulados durante décadas de utilização dos combustíveis fósseis e de abate das florestas que, quando estão intactas, absorvem o anidrido carbônico.

Corroborando tal cenário, Kunzig e Block (2012) reúnem elementos teóricos e empíricos para enfatizar que a concentração atmosférica média de CO<sub>2</sub> no 2011 foi 390 ppm (partes por milhões): cerca do 40% a mais daquela média do período pré-industrial (278 ppm no 1750). Neste cenário, as perfurações de gelo mostram que o nível atual da concentração atmosférica global de CO<sub>2</sub> nunca se verificou desta forma durante os últimos 800.000 anos.

O que é que os governos mundiais estariam fazendo para tentar inverter a rota autodestrutiva até a qual nos estamos dirigindo? A primeira tentativa de limitar as emissões de CO<sub>2</sub> foi o Protocolo de Kyoto. O tratado, que devia ter limitado as emissões de gás a efeito estufa e portanto o aquecimento do planeta (adotado por algumas nações desde 1997, mas entrado em ação no 2005), não foi adotado integralmente por nações desenvolvidas e fortemente emissoras de tais gases.

Aliás, a existência do fenômeno estufa parece ter sido considerada somente como uma tomada de consciência por parte dos governos, sem efeitos práticos em sua resolução. Os valores de diminuição estabelecidos em 1997 (cerca do 5% a menos de CO<sub>2</sub> comparado com o nível do 1990 para os Países desenvolvidos) eram quase simbólicos e inúteis, segundo os climatólogos, para evitar o aumento da temperatura. Assim, de forma consensual sugere-se que é preciso ações mais fortes em busca de um “modelo de desenvolvimento” para evitar uma tendência alarmante de aumento de temperatura já no final deste século na ordem de 4°C, o que poderia ser desastroso para a sobrevivência em geral do planeta e, em particular, dos destinos turísticos.

Na última conferência de Doha, no Qatar, o protocolo foi reproposto e lhe foram concedidos mais anos. A partir de informações de Gamba e Ribeiro (2013) enfatiza-se que os governos tomaram o compromisso de chegar a um acordo até 2015 mas os benefícios seriam incertos por causa da grande variabilidade das mudanças climáticas às quais correspondem a custos relevantes e certos para reduzir as emissões. Uma das decisões importantes tomadas em Doha, segundo tal fonte, foi aquela de salvar o mercado das permissões de emissões de grandes indústrias para emitir anidrido carbônico. Quem conseguiu aplicar tecnologias modernas para abater a emissão de CO<sub>2</sub> ou absorvê-la, como fazem os Estados tropicais com as suas florestas, passariam a receber um relevante benefício econômico.

Mas porque parece ser tão difícil chegar a decisões mais definitivas e eficazes? Em Doha se confrontaram dois pontos de vista muito diferentes sobre o futuro do planeta: de um lado os cientistas, os físicos da atmosfera e os climatólogos; de outro, os políticos e os economistas. Em geral, o primeiro grupo sustenta a tese de que vivemos num cenário que converge para danos certos ao planeta no ritmo de desenvolvimento não sustentado a que estamos expostos. Já o segundo parece defender que o desenvolvimento, ainda que não sustentado, se justifica por razões assistencialistas como levar populações a saírem da pobreza extrema pelo desenvolvimento econômico ou ainda de indústrias que veem nas limitações às emissões um obstáculo para o seu desenvolvimento inclusive em termos de geração de empregos.

Os países com forte crescimento econômico deveriam ser os responsáveis pela maior parte das reduções das emissões, mas sucessivamente vemos a negativa de relevantes países neste contexto como aqueles pertencentes à Comunidade Europeia e Estados Unidos da América. O mesmo parece ocorrer com países em via de desenvolvimento como China e Índia que não querem ser submetidos a medidas de redução calcados em justificativas como o aumento da população e a necessidade de provimento do bem-estar social.

Medidas de mitigação, que consistem em diminuir as emissões de gás estufa, vem sendo estudadas como alternativa a tal cenário. Segundo dados da Unep, Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (2007), para se ter um aumento de temperatura abaixo dos 2°C – o máximo suportável para ter um planeta “saudável” – as emissões deveriam ser em 2050 em 50 a 60% inferiores aos níveis do 1990. Tal tarefa se circunscreve de maneira quase irrealizável se consideramos as taxas atuais de emissão. Mesmo medidas de cunho mais fiscais poderiam não ser suficientes, como por exemplo taxar o uso dos combustíveis que mais poluem como o carvão, ou ainda incentivar o desenvolvimento de fontes renováveis ou até mesmo incentivar financeiramente países tropicais (como o Brasil) para não abater as florestas. Ainda de acordo com tal fonte é preciso intensificar a pesquisa em tecnologias que melhorem a eficiência das energias renováveis.

## Alterações climáticas globais e a influência no contexto do turismo

As condições climáticas influenciam a escolha do destino por parte dos potenciais turistas. O clima incide em particular na qualidade e na duração da temporada turística e condiciona as características dos recursos naturais. Mas já faz muito tempo que a atenção para os aspectos geomorfológicos como o ambiente natural, o clima e a posição geográfica, parece ultrapassada, esquecida pela frequente homologação aos padrões habitacionais como os aquecedores durante o período invernal e o ar condicionado durante o verão. Elementos tecnológicos que geram conforto mas que consomem fontes energéticas não renováveis.

O clima e a qualidade do ambiente natural representam ainda hoje um valor estratégico para a oferta turística e para o desenvolvimento turístico local, mas também um fator determinante na motivação e na decisão de escolha de um destino turístico por parte de potenciais turistas, incidindo portanto diretamente também na procura (MACHETE, 2011). Segundo Klein *et al.*(2007) em relação ao *Intergovernmental Panel on Climatic Change – IPCC*, o aquecimento global é evidente pelo aumento das temperaturas médias do ar e do mar, do derreter-se das geleiras e da consequente elevação do nível dos oceanos. As observações efetuadas em cada continente mostram que muitos sistemas naturais estão sendo afetados por estas mudanças climáticas regionais, e em particular pelo aumento exponencial das temperaturas.

De acordo com a UNWTO (2007) as alterações climáticas constituem o maior desafio pelo desenvolvimento sustentável do turismo para este novo milênio. Com a Declaração de Davos (2007), cujo tema era: “Mudanças climáticas e turismo: responder aos desafios mundiais”, se elaborou uma primeira estratégia fundada na tese que o clima representa um recurso fundamental para o setor turístico que sempre foi muito sensível aos efeitos das mudanças climáticas e ao aquecimento global porque afeta muitos destinos turísticos.

Ainda de acordo com os resultados da Conferência de Davos (2007), as estratégias de mitigação do impacto ambiental do turismo podem ser subdivididas em quatro pilares essenciais: a) Minimização do gasto de energia elétrica; b) Melhoramento da eficiência energética; c) Incremento do uso de energias renováveis; d) Diminuição das emissões de gases com efeito estufa.

As alterações climáticas geram impactos diretos que afetam os destinos turísticos segundo vários aspetos: as mudanças na intensidade das chuvas, fator que pode incidir na disponibilidade dos recursos hídricos; no aumento das temperaturas invernais e também durante o verão; e no incremento dos desastres naturais que rendem algumas áreas mais sujeitas a estes riscos se comparadas com outras localidades que são consideradas menos expostas às alterações climáticas.

Mas existem também os impactos indiretos das mudanças climáticas que concernem a diminuição terrestre e marinha da biodiversidade, a elevação do nível dos oceanos e a maior difusão das doenças. Por esses motivos os perigos derivantes das alterações climáticas são considerados hoje em dia um problema essencial com implicações relevantes para o turismo a nível global e regional.

Medir o impacto do clima sobre a procura turística não é tarefa fácil porque existem outros fatores relacionados como por exemplo a idade, a ocupação, o rendimento e a proveniência dos turistas. Mas também porque até agora os impactos das mudanças climáticas no território tem sido ignorados ou subavaliados. O erro principal consiste em olhar para o fator climático como a um valor fixo e imutável enquanto é um elemento sempre dinâmico que interage continuamente com os sistemas globais e locais e que está integrado na dimensão econômica e social de cada nação.

O relatório do Programa das Nações Unidas para o Ambiente, da Organização Mundial de Turismo e da Organização Mundial Meteorológica - PNUMA/ OMT/OMM (BRASIL, 2008) foi a primeira tentativa de se calcular as emissões de CO<sub>2</sub> em três subsetores turísticos: transporte, alojamento e atividades turísticas. Segundo o mencionado estudo, considerando as emissões provenientes de fontes nacionais e internacionais geradas pelo turismo, estes três subsetores da cadeia produtiva do turismo representam cerca de 4,9% das emissões mundiais de gases do Efeito Estufa. Um número consistente mas não elevadíssimo.

Talvez o dado mais interessante deriva da análise dos subsetores turísticos, onde emerge que o setor do transporte contribui diretamente para o 75% das emissões totais do turismo. Deste 75%, o 40% está relacionado com o transporte aéreo, o 35% com o transporte terrestre e o 21% provem da atividade receptora. Considera-se, que sejam tomadas importantes medidas de mitigação e adaptação pelo setor turístico. É necessário portanto que o setor turístico encontre soluções rápidas e efetivas para a redução das emissões de CO<sub>2</sub> e para diminuir o gasto de recursos energéticos e hídricos.

A minimização do gasto de energia elétrica é o fator principal da mitigação e pode ser atingido através da alteração na preferência dos destinos turísticos, do tipo de transporte e da efetuação de permanências mais extensas no destino. O incremento dos custos dos combustíveis pode representar um problema à procura de destinos de longa distância e ao recurso a meios de transporte dependentes de combustíveis fósseis. Destinos mais próximos dos principais mercados emissores podem vir a beneficiar das reestruturações esperadas.

A utilização de tecnologias que consentem melhorar a eficiência energética, introduzidas para os transportes ou para os hotéis, representa seguramente outra maneira de reduzir as emissões. A aplicação destas tecnologias, constitui muitas vezes um processo demorado, considerando que requer sempre investimentos muito elevados. Uma solução mais rápida, que favoreça a introdução de novas tecnologias, ou

de tecnologias que utilizem energia renovável, poderia ser um sistema de financiamentos e de ajudas governamentais.

Segundo Stern (2007), os custos necessários para uma intervenção imediata para reduzir as emissões dos gases com efeito serra seriam muito inferiores se comparados com os custos que derivarão do impacto socioeconômico das mudanças climáticas não mitigadas por nenhuma intervenção. Conforme a Declaração de Davos (2007), as alterações climáticas devem ser consideradas como um forte sinal para acelerar o caminho para um desenvolvimento sustentável do turismo. O clima tem que ser adicionado à sustentabilidade turística junto aos aspectos econômicos, ambientais e sociais.

Scott, De Freitas e Matzarakis (2009) destacam estar comprovado que no setor do turismo a utilização de energias renováveis constitui um instrumento viável e pode gerar rápido retorno, sendo também menos dispendioso do ponto de vista econômico. Corrobora-se nesse sentido a visão de Machete (2011) que o clima representa um recurso chave para o turismo, na medida em que determina a adequação de um destino para uma série de atividades turísticas e de lazer.

O bom êxito das medidas de mitigação pode aligeirar a necessidade de adaptação, respondendo a estímulos climáticos, reais ou potenciais, ou às suas consequências, a adaptação às mudanças climáticas deve envolver estratégias re-ativas mas sobretudo pró-ativas. Ambos os processos possuem um ponto comum: pretendem estratégias integradas, em que os turistas, bem como todos os atores públicos e privados envolvidos possuem um papel de fundamental importância.

Para hotéis e restaurantes, outras medidas eco-eficientes estão relacionadas com o uso de material reciclável e com uma correta gestão dos recursos hídricos e naturais. É preciso incentivar a reutilização de toalhas de mesa, de guardanapos e de roupas de cama e banho, bem como à instalação de sistemas de tratamento de esgoto que permitam o reuso da água resultante dos chuveiros e lavatórios para irrigação de jardins, por exemplo. É importante reduzir o uso de formulários impressos e, sempre que possível, fazer a impressão de documentos em frente e verso ou utilizar materiais impressos, sem utilidade, como rascunhos. Com isso não só se reduzirão os gastos com a compra de papel, mas também se gerará menos “lixo seco”. Deve-se também reduzir o uso de material descartável como copos e embalagens plásticas. Em feiras e eventos, se sugere a opção pela distribuição de panfletos e sacolas feitas a partir de material reciclado.

Outra tecnologia limpa refere-se à prática da compostagem. Alguns hotéis já utilizam tal prática, que consiste num processo biológico de decomposição de lixos orgânicos (restos de alimentos vegetais, folhas etc.) transformados em material estável tipo “humus”, usado na fertilização de jardins e hortas.

## As condições climáticas e a perda de competitividade de alguns destinos turísticos

Dados apontados pela UNESCO (2005) identificaram uma série de lugares incluídos na Lista do Patrimônio do Mundo, destinos turísticos de grande atratividade hoje, que provavelmente se tornarão vulneráveis às alterações climáticas, tais como: Veneza (Itália), no que diz respeito à elevação do nível do mar; a Great Barrier Reef (Austrália), por causa do branqueamento e da mortalidade de corais; a International Peace Park-Geleira Waterton (EUA e Canadá) pelo recuo dos blocos glaciais; e a zona arqueológica Chan Chan (Peru) afetada pelas inundações e a erosão resultante de *El Niño*.

As condições climáticas são um recurso essencial para o turismo. Variações quanto à disponibilidade de água, a perda de biodiversidade, a degradação estética da paisagem local e até mesmo transformações na produção agrícola (no caso, por exemplo, a visita a vinhedos), poderão afastar os turistas de alguns destinos.

Conforme Wietze e Tol (2002), todos esses são fatores que podem modificar a atratividade de alguns destinos turísticos tradicionais a favor de outras localidades menos expostas aos riscos de alterações climáticas. Alguns destinos podem obter benefícios e outros perdas consideráveis e dramáticas, particularmente para aqueles destinos que possuem poucas alternativas e uma cultura da imobilidade. Destinos insulares, áreas montanhosas e costeiras são especialmente sensíveis às alterações climáticas que prejudicam as práticas do Turismo de Sol e Mar, do Turismo de Aventura ou ainda do Turismo Ecológico, até mesmo para o Turismo Cultural e Histórico haverá importantes impactos.

A salvaguarda do litoral, a regulamentação do desenho urbano e construção, a preparação de planos de emergência, a defesa da vida selvagem e uma correta gestão dos recursos ambientais são medidas fundamentais para enfrentar os novos desafios. É assim essencial que a preocupação com as consequências das mudanças climáticas seja incorporada e antecipada no planejamento territorial e econômico.

As alterações induzidas na qualidade e duração das estações turísticas, nomeadamente em tipos de turismo mais dependentes do clima - como aqueles mais relacionados aos esportes de inverno - podem comprometer a competitividade de um certo destino turístico e o lucro das empresas que gerem tais atividades (SIMPSON *et al.*, 2008; SCOTT, FREITAS; MATZARAKIS, 2009).

Relativamente às áreas onde o turismo invernal é predominante, a projeção de importantes diminuições na queda de neve determinará uma significativa vulnerabilidade para destinos de "esportes de inverno". É o caso dos Alpes Europeus e da América do Norte Oriental e Ocidental onde estima-se que cada grau centígrado de incremento de temperatura no inverno imponha uma subida de 150 m para alcançar o limite mínimo de neve apropriado para as estâncias de esqui (MACHETE, 2011).

De acordo com a autora, de 1850 até hoje os glaciares suíços já perderam mais de um quarto da sua superfície. Hoje em dia, 85% das estâncias nesta região são viáveis. Porém, a ocorrência de mudanças climáticas poderá reduzir em mais de 20% (entre 2030 e 2050) o número de estâncias que possui neve suficiente, se o limite mínimo de neve subir dos atuais 1200 metros para os 1500 metros. A importância do setor turístico dos desportos invernais nesta área, bem como o curto prazo em que se considera que estas mudanças aconteçam, legitimam uma destacada preocupação da relação entre clima, turismo e práticas de esporte e lazer (MACHETE, 2011).

## Considerações finais

Para além dos impactos diretos que as mudanças climáticas podem provocar no turismo, é evidente que, no futuro, estas transformações podem comprometer o crescimento econômico e a estabilidade política de alguns países. Deste modo, segundo De Freitas (2003), países economicamente mais débeis e onde o turismo detém um papel fundamental, podem ser os mais afetados pelas mudanças do clima.

Como ressalta Machete (2011), a importância do setor do turismo, como agente promotor de várias atividades econômicas, relevante fonte de emprego e de valorização dos recursos ambientais e culturais de um determinado destino turístico, impõe que sejam delineados planos de conjunto, de ordem tecnológica ou institucional, que incorporem as medidas de mitigação e adaptação mais adequadas às alterações climáticas em curso e programadas para as próximas décadas como mecanismos de resposta a este desafio. Nesse âmbito, todas as partes em causa devem continuar a antecipar as mudanças e as alterações climáticas e adequar-se.

Para alcançar o objetivo da criação de uma prosperidade econômica, respeitando o clima e o meio ambiente, é necessária uma ação coerente que possa ser sustentada por adequadas políticas públicas, gestão ambiental dos destinos, integração do aspecto “eco-sustentabilidade” por parte das empresas turísticas e sensibilização dos turistas para tal relevante aspecto.

Para obter progressos tangíveis, é também oportuno conscientizar o turista para que desenvolva e potencie o seu sentido crítico e a sua capacidade de operar escolhas em prol do desenvolvimento eco-sustentável do destino e do meio ambiente. Sensibilizando-o em mérito ao clima, ao meio ambiente e aos aspectos éticos, podem-se criar mais facilmente atitudes pessoais e hábitos turísticos responsáveis. Consumidores mais atentos ao aspecto “ambiente” podem inclusive influenciar as empresas proponentes da atividade turística, levando-as a demonstrar interesse por tal aspecto e a atuar de forma responsável com as condições climáticas.

Enfim, uma gestão ambiental sustentável dos destinos é crucial para o desenvolvimento do turismo, especialmente através de uma perspectiva eficaz do emprego do espaço e do terreno, um controle do desenvolvimento, e através de decisões

de investimento em infraestruturas e serviços. Deve-se primar por um desenvolvimento do turismo em níveis e tipologias compatíveis com as exigências da comunidade local e do ambiente, numa gestão ambiental sustentável que pode reforçar os resultados econômicos e a competitividade de um destino a longo prazo.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Mudanças Climáticas: o Turismo em busca da Ecoeficiência. **Documento Brasileiro para o Dia Mundial do Turismo**. Brasília: Senado Federal, Câmara Federal do Brasil e Confederação Nacional do Comércio, 2008.

DAVOS Declaration. **Climate change and tourism responding of global challenges**. Switzerland: World Tourism Organization, 2007.

DE FREITAS, C.R. Tourism climatology: evaluating environmental information for decision making and business planning in the recreation and tourism sector. **International Journal of Biometeorology**, v. 48, 2003. p. 45-54.

GAMBA C., RIBEIRO W.C. A encruzilhada brasileira na ordem ambiental internacional das mudanças climáticas. **Estudos avançados**, São Paulo, v.27, n.78, 2013.

INGC. Instituto Nacional de Gestão de Calamidades de Moçambique. **Aumento dos desastres naturais em Moçambique**, 2009.

KLEIN, R.J.T.; HUQ, S.; DENTON, F.; DOWNING, T.E.; RICHELIS, R.G.; ROBINSON, J.B.; TOTH, F.L.; Inter-relationships between adaptation and mitigation. In: PARRY, M. L.; CANZIANI, O. F.; PALUTIKOF, J. P.; VAN DER LINDEN, P. J.; HANSON, C. E. (Ed.) **Climate change 2007: impacts, adaptation and vulnerability - contribution of working group II to the fourth assessment report of the intergovernmental panel on climate change**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007. p.745-777.

KUNZIG, R.; BLOCK, I. Planeta sem gelo. **National Geographic Portugal**, v. 12, n.134, 2012, p.2-21.

MACHETE, R. Clima e turismo num contexto de mudanças climáticas. **Finisterra**, XLVI, 91, 2011, p. 139-154.

NEDEL, A.S. **Desastres naturais e geotecnologias**: adversidades climáticas. Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais – INPE, São José dos Campos, Caderno Didático n.5, 2010.

NOOA. **National Oceanic and Atmosphere Administration**. Asheville: National Climatic Data Center, 2014.

PESQUISA mostra que o aquecimento global cresce mais que o previsto. **Revista Apolo11.com**, Editorial Mudanças Climáticas. 2007. Disponível em: [http://www.apolo11.com/mudancas\\_climaticas.php?posic=dat\\_20070202-090130.inc](http://www.apolo11.com/mudancas_climaticas.php?posic=dat_20070202-090130.inc). Acesso em: 08 abr. 2014.

SCOTT D., DE FREITAS, C.R.; MATZARAKIS, A. Adaptation in the tourism and recreation sector. In: McGREGOR, G. R.; BURTON, I.; EBI, K. (Eds.) Biometeorology for adaptation to climate variability and change. **Springer Sciences & Business Media**, 2009, p.171-194.

SIMPSON, M.C.; GÖSSLING, S.; SCOTT, D.; HALL, C.M.; GLADIN, E. **Climate change adaptation and mitigation in the tourism sector**: frameworks, tools and practices. Paris, United Nations Environment Programme, University of Oxford, United Nations World Tourism Organization and World Meteorological Organization, 2008.

STERN, N. **The Stern Review**: the economics of climate change. HM Treasury. London: Cambridge University Press, 2007.

UNEP. United Nations Environment Program. **Global Outlook for Ice and Snow**. Norway: UNEP/GRID-Arendal, 2007.

UNESCO. United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization. Paris, Centro del Patrimonio Mundial de la Carpeta de información sobre el patrimonio mundial, 2005.

UNWTO. United Nations World Tourism Organization. **Tourism will contribute to solutions for global climate change and poverty challenges**. Press release, Berlin/Madrid: UNWTO Press and Communications Department, 2007.

WIETZE, L.; TOL, R.S.J. Impact of climate on tourist demand. **Climatic Change**, 55, 2002. p. 429-449.

## Endereço para correspondência

Prof. Roberto Vico  
Universidade Eduardo Mondlane  
Escola Superior de Hotelaria e Turismo de Inhambane  
Avenida Samora Machel - Bairro Chalambe 1  
Inhambane, Moçambique

Prof. Ricardo Uvinha  
Universidade de São Paulo - Escola de Artes, Ciências e Humanidades  
Rua Arlindo Bettio, 1000 Ermelino Matarazzo 03828-000  
São Paulo - SP

E-mail: [robertofigo@hotmail.com](mailto:robertofigo@hotmail.com)  
[uvinha@usp.br](mailto:uvinha@usp.br)



**Recebido em:**  
30/10/2014  
**Aprovado em:**  
03/12/2014